

NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

Ressurreição e reencarnação

Os laços de família são fortalecidos pela reencarnação
e rompidos pela unicidade da existência

Instruções dos Espíritos: Limites da encarnação
Necessidade da encarnação • A encarnação é um castigo?

1. *E veio Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe, e interrogou seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens que é o Filho do Homem*? E eles responderam: Uns dizem que é João Batista, mas outros que é Elias, e outros que Jeremias ou algum dos profetas. Disse-lhes Jesus: E vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Simão Pedro disse: Tu és o Cristo, filho do Deus vivo. E respondendo, Jesus disse: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue que te revelaram isso, mas sim meu Pai, que está nos Céus. (Mateus, 16:13 a 17; Marcos, 8:27 a 29)*

2. *E chegou a Herodes, o Tetrarca, a notícia de tudo o que Jesus fazia, e ficou inquieto, porque diziam uns: É João que ressurgiu dos mortos; e outros: É Elias que apareceu; e outros: É um dos antigos profetas que ressuscitou. Então disse Herodes: Eu mandei degolar a João; quem é, pois, este, de quem ouço semelhantes coisas? E buscava ocasião de o ver. (Marcos, 6:14 e 15; Lucas, 9:7 a 9)*

3. *(Após a transfiguração.) E os discípulos Lhe perguntaram, dizendo: Pois por que dizem os escribas que importa vir Elias primeiro? Mas Jesus, respondendo, disse: Elias certamente há de vir, e restabelecerá todas as coisas: digo-vos, porém, que Elias já veio, e eles não o conheceram, antes fizeram dele quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem* há de padecer às suas mãos. Então compreenderam os discípulos que era de João Batista que Jesus lhes falara. (Mateus, 17:10 a 13; Marcos, 9:10 a 12)*

RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

4 A reencarnação fazia parte dos dogmas* judaicos sob o nome de ressurreição. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava

* N. E. - **Filho do Homem:** Jesus, filho de Deus, se identificava assim, igualando-se aos que o ouviam.

com a morte, não acreditavam nela. As idéias dos judeus sobre esse assunto, e sobre muitos outros, não estavam claramente definidas, pois apenas tinham noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que viveu podia reviver, sem entender entretanto de que modo isso podia acontecer. Designavam pela palavra *ressurreição* o que o Espiritismo chama mais apropriadamente de *reencarnação*. De fato, a *ressurreição* supõe o retorno à vida do corpo que está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, porque os elementos desse corpo estão, desde há muito tempo, desintegrados na Natureza. A *reencarnação* é o retorno da alma ou Espírito à vida corporal, mas em um outro corpo, formado novamente para ele, e que não tem nada em comum com o que se desintegrou. A palavra *ressurreição* podia assim se aplicar a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, conforme se acreditava, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, porque João tinha sido visto desde criança e sabia-se quem eram seu pai e sua mãe. João, portanto, podia ser Elias *reencarnado*, mas não *ressuscitado*.

5. Ora, havia um homem dentre os fariseus, chamado Nicodemos, senador dos judeus, que veio à noite encontrar Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que viestes da parte de Deus para nos instruir como um doutor, pois ninguém poderia fazer os milagres que fazes se Deus não estivesse com ele.

Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, vos digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.

Nicodemos perguntou a Jesus: Como pode nascer um homem que já está velho? Pode ele entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez?

Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, vos digo: Se um homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é Espírito. Não vos espanteis se vos digo que é preciso que nasçais de novo. O Espírito sopra onde quer e escutais sua voz, mas não sabeis de onde ele vem, nem para onde vai. Ocorre o mesmo com todo homem que é nascido do Espírito.

Nicodemos perguntou: Como isso pode acontecer? Jesus lhe disse: Sois mestre em Israel e ignorais essas coisas! Em verdade, em verdade, vos digo que apenas dizemos o que sabemos e que apenas damos testemunho do que vimos; e, entretanto, não recebeis nosso testemunho. Mas se não acreditais quando vos falo das coisas terrenas, como acreditareis quando vos falar das coisas do Céu? (João, 3:1 a 12.)

6 O pensamento de que João Batista era Elias, e de que os profetas podiam reviver na Terra, encontra-se em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas relatadas acima (v. 1 a 3). Se essa

crença fosse um erro, Jesus não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras. Longe disso, Jesus a confirmou com toda a sua autoridade e colocou-a como ensinamento e como uma condição necessária quando disse: *Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo*. E insistiu, acrescentando: *Não vos espanteis se vos digo que é preciso que nasçais de novo*.

7 Estas palavras: “*Se um homem não renascer da água e do Espírito*”, foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. Porém o texto primitivo trazia simplesmente: *Não renascer da água e do Espírito*, enquanto, em algumas traduções, a expressão *do Espírito* foi substituída por *do Espírito Santo*, o que não corresponde mais ao mesmo pensamento. Esse ponto capital sobressai dos primeiros comentários feitos sobre os Evangelhos, assim como isso será um dia constatado sem equívoco possível.^{(1)*}

8 Para compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, é preciso igualmente entender o significado da palavra *água*, que foi empregado ali com um sentido diferente do que lhe é próprio.

Os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos. Acreditavam que a Terra tinha saído das águas, e por isso julgavam a *água* como elemento gerador absoluto. É assim que na Gênese* está escrito: *O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre a superfície das águas. Que o firmamento seja feito no meio das águas. Que as águas que estão sob o céu se reúnam em um único lugar e que o elemento árido apareça. Que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento*.

Conforme essa crença, a água tinha se tornado o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: *Se o homem não renascer da água e do Espírito, ou em água e em Espírito*, significam então: “*Se o homem não renascer com seu corpo e sua alma*”. É neste sentido que foram entendidas naqueles tempos.

A mesma interpretação, aliás, é confirmada por estas outras palavras de Jesus: *O que nasceu da carne é carne e o que nasceu do Espírito é Espírito*, as quais dão a exata diferença entre o Espírito e o corpo. *O que nasceu da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito é independente dele.

⁽¹⁾ Dentre as traduções dos Evangelhos para o francês, a de Osterwald está conforme o texto primitivo. Ela traz: *se não renascer da água e do Espírito*. Na de Sacy diz: *do Espírito Santo*. A de Lamennais: *do Espírito-Santo*. (Nota de Allan Kardec).

* **N.E.** - As modernas traduções no Brasil, de João Ferreira de Almeida, trazem: quem não nascer da água e do Espírito, e na de Huberto Rohden temos: quem não nascer de novo pela água e pelo espírito.

* **N.E.** - **Gênese**: primeiro livro do Velho Testamento, escrito por Moisés.

9 *O Espírito sopra onde quer; escutais sua voz, mas não sabeis nem de onde vem, nem para onde vai, pode-se entender como a alma do homem ou o Espírito de Deus que dá a vida a quem Ele quer. "Não sabeis de onde vem, nem para onde vai" significa que não se conhece o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, se saberia de onde veio, uma vez que se conheceria seu começo. De todos os modos, esta passagem é a confirmação do princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, da pluralidade das existências.*

10 *Acontece que, desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos Céus é tomado pela violência, e são os violentos que o arrebatam; pois todos os profetas, e também a lei, assim profetizaram. E se quereis entender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há de vir. Ouça aquele que tem ouvidos para ouvir. (Mateus, 11:12 a 15)*

11 Se o princípio da reencarnação expresso no Evangelho do apóstolo João podia, a rigor, ser interpretado num sentido puramente místico, não acontece o mesmo nesta passagem do apóstolo Mateus, que não deixa nenhuma dúvida quando diz: *ele mesmo é o Elias que há de vir*. Aqui, não há nem sentido figurado, nem símbolos: é uma afirmação positiva. *Desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos Céus é tomado pela violência.*

Que significam estas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquela época? Jesus as explica dizendo: *Se quereis entender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir*. Portanto, João não sendo outro senão Elias, Jesus se refere ao tempo em que João vivia sob o nome de Elias. *Até o presente, o reino dos Céus é tomado pela violência* é outra referência à violência da lei mosaica que determinava o extermínio dos infiéis para ganhar a Terra da Promissão, paraíso dos hebreus, enquanto, pelo ensinamento da lei de Jesus, ganha-se o Céu pela caridade e doçura.

Depois acrescenta: *Ouça aquele que tem ouvidos para ouvir*. Estas palavras, muitas vezes repetidas por Jesus, confirmam claramente que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

12 *Aqueles que do vosso povo morreram, viverão novamente; os que estavam mortos ao redor de mim, ressuscitarão. Despertai de vosso sono e cantai os louvores a Deus, vós que habitais no pó; pois o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz, e arruinareis a terra e o reino dos gigantes. (Isaias, 26:19)*

13 Essa passagem de Isaias é também muito clara sobre a sobrevivência da alma após a morte. Se após a morte os Espíritos ficassem em algum lugar e lá permanecessem para sempre, teria dito: *ainda vivem*.

Porém, ao dizer que *viverão novamente*, entende-se que devem voltar a viver, e isto só pode ser numa nova reencarnação. Entendida

de outra maneira, no sentido da vida do Espírito, o ensinamento desta passagem do profeta Isaías seria um contra-senso, uma vez que implicaria interrupção da vida da alma. Analisada pelo lado da vida moral, seria a negação das penalidades dos castigos eternos, visto que estabeleceria o princípio de que todos os que estão mortos reviverão.

14 Mas quando o homem morre uma vez, e o seu corpo, separado de seu espírito, está consumido, em que é que ele se torna? O homem, estando morto uma vez, poderia reviver novamente? Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, espero que minha transformação chegue. (Jó, 14:10 a 14. Tradução de Sacy.)

*Quando o homem morre, perde toda a sua força e expira; depois, onde está ele? Se o homem morre, **reviverá**? Esperarei todos os dias de meu combate, até que chegue aquele que traga alguma transformação? (Idem. Tradução protestante de Osterwald.)*

*Quando o homem morre, continua vivo; ao acabar os dias de **minha existência terrena**, esperarei, pois **voltarei à vida novamente**. (Idem. Versão da Igreja grega.)*

15 O princípio da pluralidade das existências está demonstrado claramente nestas três versões. Não se pode supor que Jó quisesse falar da regeneração pela água do batismo, pois ainda não o conhecia. *O homem, estando morto **uma vez**, poderia **reviver novamente**?* A idéia de morrer uma vez e de reviver faz entender que se pode morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega é ainda mais clara. *Ao acabar os dias de minha existência terrena, esperarei, pois **voltarei à vida novamente**; ou seja, voltarei à existência terrena. É tão claro como se alguém dissesse: "Saio de minha casa, mas a ela voltarei".*

*Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, **espero** que minha transformação chegue.* Jó evidentemente quer falar da luta que sustenta contra as misérias da vida. Ele espera sua transformação, ou seja, resigna-se. *Esperarei*, na versão grega, refere-se a uma nova existência: *Quando minha existência terrena se acabar, **esperarei**, pois voltarei à vida novamente.* Jó refere-se ao pós-morte e diz que nesse lugar esperará o retorno à vida corpórea.

16 Não há dúvida que, sob o nome de *ressurreição*, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus e que foi confirmada por Jesus e pelos profetas de uma maneira clara. De onde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia suas palavras serão aceitas e respeitadas sobre esse ponto e sobre muitos outros, quando forem analisadas sem preconceitos.

17 Mas a este entendimento, do ponto de vista religioso, acrescenta-se o do ponto de vista filosófico: as provas que resultam da

observação dos fatos. Como todas as causas têm um efeito, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição inseparável da Humanidade; em uma palavra, como uma lei natural. Portanto, as vidas sucessivas, isto é, pela reencarnação, revelam os seus resultados para a Humanidade, materialmente falando, se assim podemos dizer, como o movimento revela um motor que está oculto. Só ela pode dizer ao homem *de onde vem, para onde vai, porque está na Terra* e justificar todas as desigualdades e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta⁽²⁾.

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maioria dos ensinamentos morais do Evangelho fica difícil de entender, e é por causa disso que existem interpretações tão contraditórias. Esse princípio é a chave que lhes restituirá seu verdadeiro sentido.

OS LAÇOS DE FAMÍLIA SÃO FORTALECIDOS PELA REENCARNAÇÃO E ROMPIDOS PELA UNICIDADE DA EXISTÊNCIA

18 Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, tal como pensam algumas pessoas. Ao contrário, são fortalecidos e entrelaçados. O princípio oposto, sim, é que os destrói.

Os Espíritos formam no espaço grupos ou famílias, unidos pela afeição, simpatia e semelhança de tendências. Esses Espíritos, felizes por estarem juntos, procuram-se. A encarnação apenas os separa momentaneamente, pois, após sua volta à erraticidade*, reencontram-se como amigos que retornam de uma viagem. Às vezes, uns seguem a outros juntos na encarnação, em que se reúnem numa mesma família, ou num mesmo círculo, trabalhando juntos para seu mútuo adiantamento. Se uns estão encarnados e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que estão livres preocupam-se com aqueles que estão encarnados, cativos da carne. Os mais adiantados procuram fazer progredir os que se atrasam. Após cada existência, terão dado mais um passo na busca da perfeição. Cada vez menos ligados à matéria, seu afeto é mais vivo, por isso mesmo mais puro, e não é mais perturbado pelo egoísmo, nem pelo arrastamento das paixões. Podem, assim, percorrer um número ilimitado de existências corporais sem que nada afete sua mútua afeição.

Deve-se entender que se trata aqui da verdadeira afeição de alma a alma, a única que sobrevive à destruição do corpo, pois os seres que se unem na Terra só pelos interesses materiais não têm nenhum motivo

⁽²⁾ Veja, para o desenvolvimento do dogma da reencarnação, *O Livro dos Espíritos*, Caps. 4 e 5; *O que é o Espiritismo?*, Cap. 2, ambos de Allan Kardec, e *A Pluralidade das Existências*, de Pezzani.

para se procurarem no mundo dos Espíritos. Apenas as afeições espirituais são duráveis; as afeições carnis acabam com a causa que as fez nascer, e essa causa não existe mais no mundo dos Espíritos, ao passo que a alma sempre existe. Quanto às pessoas unidas só por interesses, realmente não são nada umas para as outras: a morte as separa na Terra e no Céu.

19 A união e a afeição que existe entre parentes são sinais da simpatia anterior que os aproximou. Por isso, diz-se, ao falar de uma pessoa cujo caráter, gostos e inclinações não têm nenhuma semelhança com os de seus parentes, que ela não é da família. Ao dizer-se isso, declara-se uma verdade maior do que se acredita. Deus permite essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos nas famílias, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e de meio de adiantamento para outros. Além disso, os maus melhoram-se pouco a pouco ao contato com os bons, e pelos cuidados que recebem. Seu caráter se suaviza, seus costumes se educam, as antipatias se apagam. É assim que se estabelece a união entre as diferentes categorias de Espíritos, como se estabelece na Terra entre as raças e os povos.

20 O temor de um grande aumento da parentela, em consequência da reencarnação, é um temor egoísta, que prova não se sentir um amor suficientemente desenvolvido para alcançar um grande número de pessoas. Um pai que tem muitos filhos, os amaria menos do que se tivesse apenas um? Mas que os egoístas se tranquilizem; esse temor não tem fundamento. Supondo que um homem tenha tido dez encarnações, isso não significa que ele encontrará no mundo dos Espíritos dez pais, dez mães, dez esposas e um número proporcional de filhos e de novos parentes. Reencontrará apenas aqueles a quem amou, aos quais esteve ligado na Terra por laços de parentesco ou de algum outro modo.

21 Vejamos agora as consequências da doutrina anti-reencarnacionista. Essa doutrina nega com toda certeza e de forma categórica a preexistência da alma. Acontece que, se as almas fossem criadas ao mesmo tempo que os corpos, nenhum laço anterior existiria entre elas. Seriam, portanto, completamente estranhas umas às outras. O pai seria estranho ao seu filho, e, deste modo, a filiação das famílias se encontraria reduzida apenas à filiação corporal, sem nenhum laço espiritual. Resultaria que não haveria nenhum motivo para se orgulhar por ter tido como antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes poderão já ter se conhecido, ter vivido juntos, se amado, e poderão se reencontrar, noutras reencarnações, para estreitar seus laços de simpatia.

22 Isto tudo, em relação ao passado. Quanto ao futuro, de acordo com um dos dogmas* fundamentais que resultam da não reencarnação, a sorte das almas estaria irrevogavelmente fixada após

uma única existência. A fixação definitiva da sorte da alma resultaria na interrupção de todo o progresso, pois, desde que se considera que há progresso, já não há mais sorte definida, marcada. Conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a morada dos bem-aventurados, ou para o inferno eterno. *Assim, elas são imediatamente separadas para sempre, e sem esperança de algum dia se aproximarem*, de tal modo que pais, mães, filhos, maridos e esposas, irmãos, irmãs, amigos, nunca terão a certeza de se reverem: significa a mais completa quebra dos laços de família.

Com a reencarnação e o progresso, que é a sua conseqüência, todos os que se amaram se reencontram na Terra e no espaço, e progredem juntos para chegar até Deus. Se falharem no caminho, retardarão seu adiantamento e sua felicidade, mas nem por isso suas esperanças estarão perdidas. Ajudados, encorajados e amparados por aqueles que os amam, um dia sairão do lamaçal em que se afundaram. Enfim, com a reencarnação, há eterna solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, do que resulta o estreitamento dos laços de amor.

23 Em resumo, são apresentadas quatro alternativas para o homem, sobre seu futuro de além-túmulo:

- 1ª) o nada, conforme afirma a doutrina materialista;
- 2ª) ser integrado ao todo universal, conforme afirma a doutrina panteísta;
- 3ª) a individualidade da alma, com a fixação definitiva do destino, de acordo com a doutrina da Igreja;
- 4ª) individualidade da alma, com progresso ao infinito, conforme a Doutrina Espírita.

De acordo com as duas primeiras, os laços de família são rompidos após a morte e não há nenhuma esperança de reencontro; com a terceira, há chance de se rever, contanto que se esteja no mesmo lugar, que pode ser o inferno ou o paraíso. Com a pluralidade das existências, que é inseparável da progressão contínua, existe a certeza de que as relações entre aqueles que se amaram não se interrompem, e é isso que constitui a verdadeira família.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

LIMITES DA ENCARNAÇÃO

São Luís - Paris, 1859

24 *Quais são os limites da encarnação?*

A encarnação não tem limites precisamente traçados, se nos refermos ao envoltório material que constitui o corpo do Espírito. A materialidade desse envoltório diminui à medida que o Espírito se purifica. Em mundos mais avançados do que a Terra, ele já é menos denso,

menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte, menos sujeito aos infortúnios da vida. Num grau mais elevado, é transparente e quase flúidico. De grau em grau, ele se desmaterializa e acaba por se confundir com o perispírito*. Dependendo do mundo no qual o Espírito é chamado a viver, toma um corpo apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito sofre transformações sucessivas. Torna-se cada vez mais flúidico até a completa purificação, que constitui a natureza dos Espíritos puros. Embora os mundos especiais sejam destinados aos Espíritos mais avançados, eles não estão ali prisioneiros como nos mundos inferiores; o estado de pureza em que se encontram lhes permite transportarem-se por todas as partes onde realizam as missões que lhes são confiadas.

Considerando-se a encarnação do ponto de vista material, tal qual é na Terra, pode-se dizer que ela está limitada aos mundos inferiores. Portanto, depende do próprio Espírito libertar-se mais ou menos rapidamente da encarnação, trabalhando por sua purificação.

Além do mais, deve-se considerar que na erraticidade, isto é, no intervalo das existências corporais, a situação do Espírito permanece relacionada com a natureza do mundo ao qual ele está ligado pelo seu grau de adiantamento. Deste modo, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, conforme esteja mais ou menos desmaterializado.

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

São Luís - Paris, 1859

25 Será a encarnação uma punição e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a ela?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que possam cumprir, por meio de ações materiais, os planos cuja execução Deus lhes confiou. Isto é necessário para eles mesmos, pois a atividade que estão obrigados a desempenhar ajuda o desenvolvimento da sua inteligência. Deus, sendo soberanamente justo, considera igualmente todos os seus filhos. É por isso que Ele dá a todos um mesmo ponto de partida, a mesma capacidade, *as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de ação*. Qualquer privilégio seria uma preferência e qualquer preferência, uma injustiça. Mas a encarnação é para todos os Espíritos apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impôs no início de suas vidas, como primeira prova do uso que farão de seu livre-arbítrio*. Aqueles que cumprem essa tarefa com zelo vencem mais rapidamente e de maneira menos aflitiva esses primeiros degraus da iniciação e colhem mais cedo os frutos de seu trabalho. Aqueles que, ao contrário, fazem mau uso da

liberdade que Deus lhes concede retardam seu adiantamento, e é assim que, pela sua teimosia, podem prolongar indefinidamente a necessidade de reencarnar, e é quando então ela se torna um castigo.

26 Observação: uma comparação simples ajudará a entender melhor as duas possibilidades. O estudante apenas chega aos graus superiores da Ciência após ter percorrido as séries que conduzem até lá. Essas séries, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de chegar ao objetivo e não uma punição. O estudante esforçado encurta a caminhada e nela encontra menos dificuldades, contrariamente àquele cujo desleixo e preguiça obrigam a repetir algumas séries. Não é o trabalho da repetição que constitui uma punição, mas a obrigação de ter de fazer tudo outra vez.

Assim tem sido com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está quase no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de desenvolver sua inteligência. Porém, para o homem esclarecido, no qual o sentido moral está mais desenvolvido e que é obrigado a repetir as etapas de uma vida corporal cheia de angústias, quando já poderia ter alcançado o objetivo, torna-se um castigo, pela necessidade de prolongar sua permanência nos mundos inferiores e infelizes. Ao contrário, aquele que trabalha ativamente para o seu progresso moral pode não somente encurtar a duração da encarnação material, mas vencer de uma só vez os graus intermediários que o separam dos mundos superiores.

Pergunta-se: os Espíritos não poderiam encarnar uma única vez num mesmo globo e cumprir outras existências em outros mundos diferentes? Essa situação só poderia ser admitida se todos os homens encarnados na Terra fossem exatamente do mesmo padrão intelectual e moral. As diferenças que existem entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado, mostram quais os degraus que têm de subir, e a encarnação tem de ter um objetivo útil. Então, qual seria a finalidade das encarnações de curta duração, das crianças que morrem pequeninas? Sofreriam sem proveito para si mesmas, nem para os outros. Mas Deus, cujas leis são soberanamente sábias, não faz nada de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, quis que os mesmos Espíritos se reencontrassem e pudessem ter oportunidade de reparar os erros que cometeram entre si. Tendo em conta suas relações anteriores, Deus quis estabelecer e fixar os laços de família sobre uma base espiritual e, sobre uma lei natural, apoiar os princípios de solidariedade, de fraternidade e de igualdade.

